



ESCRITA DE SINAIS: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO DE SURDOS EM L1

SIGN WRITING: LITERACY TO DEAF IN L1 AS A PROPOSE

DOI: <http://dx.doi.org/10.23926/RPD.2526-2149.2018.v3.n1.p140-157.id162>

Marleide Francisco de Lima

Graduada em Letras Libras (UFPB)

Professora do Ensino Fundamental (EMEIF Idalina Rosa)

marleidefrancelima@gmail.com

Edneia de Oliveira Alves

Doutorado em Psicologia Social (UFPB)

Professora de Libras (UFPB)
edneiaalvesufp@gmail.com

Marianne Rossi Stumpf

Doutorado em Informática na Educação (UFRGS)

Professora associada (UFSC)
stumpfmarianne@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta dados de uma investigação sobre a aprendizagem da Escrita de Sinais por surdos como proposta de letramento como L1. A pesquisa foi necessária pois muitos surdos, embora tenham contato com Língua de Sinais, ainda passam pelo processo de alfabetização em língua portuguesa, mas, os surdos precisam da escrita da Libras como L1 para ter uma aprendizagem significativa. A pesquisa apresentou caráter exploratório de natureza qualitativa, seu delineamento se constituiu em um estudo de caso com uma adolescente surda e a análise empregada foi a microgenética. Os dados obtidos apontam que é necessário que o surdo aproprie-se da escrita de sua Língua, pois assim produzirá sentidos para sua aprendizagem, que a participante conseguiu alcançar o objetivo de visualizar de maneira significativa a relação da sinalização com a escrita de sinais. Assim, os dados indicaram que a escrita de sinais pode contribuir para a aquisição da escrita por adolescentes surdos que se encontram em distorção idade/série.

Palavras-chave: Escrita de Sinais; Ensino de Surdos; Aquisição; Letramento.

Abstract: This article presents dates about investigation for the sign writing learning by deaf as a propose to L1 literacy. The research was necessary because so many deafs that have contact with sign language were subjected to literacy in Portuguese language but they need sign writing as L1 to heve a meaningful learning. The research was exploratory and qualitative. Its design was a study of case with a deaf teenager and had a microgenetic analysis. Dates indicated that is necessary the deaf appropriates sign writing because inthis way he can give meaningful learning, that participant achiev the objective of see the relationship signing with writing as a meaning way. So, dates showed that signwriting can contribute to a writing acquisition by deaf teenagers that are in age/grade distortion.

Keywords: Sign writing; Deaf teach; Acquisition; Literacy.



1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos em ensino para os surdos, pensamos logo em Libras como sua primeira língua (L1) e na forma em que essa língua os ajudará no seu desenvolvimento. Sendo assim, tem-se como objetivo geral neste artigo analisar o processo de aprendizagem do surdo em Escrita de Sinais, ao passo que os objetivos específicos são: procurar entender como o surdo visualiza a escrita dos seguintes sinais: COMEÇAR, QUERER, FELIZ, CERTO, CHOVER; avaliar sua resposta à aula proposta; e verificar a eficácia da atividade avaliativa de rendimento produzida pela professora Marianne Stumpf.

Atualmente, reconhecida como a segunda língua oficial no País, por força da Lei 10.436/2002, para que a sociedade aceitasse a Libras, foram necessárias muitas lutas, tanto dos surdos como de seus familiares, que incessantemente buscavam melhorias para o ensino de seus filhos. É o que afirma Quadros (2011) quando diz:

A língua [de sinais – Libras] passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais. Os discursos de uma determinada língua serão organizados e, também, determinados pela língua utilizada como a língua de instrução. Ao expressar um pensamento em língua de sinais, o discurso utiliza uma dimensão visual que não é captada por uma língua oral-auditiva. (QUADROS, 2011, p. 35)

Para que o surdo desenvolva a competência linguística em Libras e possa formar sua Identidade Surda, é necessário o contato direto com a Libras. Por meio da convivência com surdos fluentes em Libras, o surdo consegue desenvolver essa língua, usufruindo, assim, de sua Identidade Surda.

Cultura surda é o jeito do surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os as suas percepções visuais, que contribuem para a definição de suas identidades e das —almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

Assim como a Libras sinalizada, a Escrita de Sinais se faz importante para o desenvolvimento do pensamento metalinguístico, da cognição e para o processo cognitivo de aquisição da escrita no sentido da alfabetização e do letramento. O processo de aquisição da Escrita de Sinais traz significado para seus usuários uma vez que lhes permite a liberdade de se expressar, expor seus sentimentos e criar.

Neste sentido, Dallan (2009) afirma que:

a aquisição da escrita em língua de sinais pode favorecer ao aluno com surdez a aquisição de novos mecanismos para abstrair e teorizar sobre o mundo que o cerca, uma vez que a escrita complementa os conhecimentos já construídos no discurso do sujeito em suas interações, socialmente. (DALLAN, 2009, p. 9).



Notamos, nas salas de aula, que a educação de surdos está voltada à cultura de ouvintes; isto é, o surdo tem que se habituar aos métodos de ensino oferecidos ao público ouvinte. Nesse contexto, nos questionamos: onde estará a educação bilíngue oferecida ao surdo? A Língua de Sinais tem sua Escrita e os seus usuários devem ser alfabetizados nela, visto que a Libras é uma Língua completa, como defende Brito (1993).

A Língua de Sinais é um importante instrumento de desenvolvimento cognitivo do surdo, pois, por serem naturais e de fácil acesso para os surdos, são extremamente importantes para o preenchimento da função cognitiva e suporte do pensamento.

A Língua de Sinais corresponde à língua natural da comunidade Surda. Ela é completa, conforme afirma Quadros e Karnopp (2004) quando dizem que:

Libras é a língua usada pela comunidade surda no Brasil. É uma língua que expressa níveis linguísticos em diferentes graus, assim como as demais línguas; apresenta uma gramática com uma estrutura própria, usada por um grupo social específico. (KARNOPP, 2004, p. 34)

A Língua de Sinais possui sua grafia própria, embora pouco usada pelos seus usuários. No *SignWriting* a Língua de Sinais, sendo visual espacial, é representada em todos os seus aspectos: pelos parâmetros de Configuração de Mãos, Movimentos, Direção, Expressão Facial/Corporal e os Pontos de Articulação; na morfologia com a representação, por exemplo, das expressões faciais como morfema derivacional, nos discursos em que a expressão facial surge como um tom avaliativo. Assim, a escrita de sinais no sistema *SignWriting* ganha representações significativas para seus usuários.

O desenvolvimento e reconhecimento da Libras como língua foi gradativo: em 1990, a Declaração Mundial de Educação para Todos deixou claro que as políticas educacionais devem levar em consideração as diferenças individuais apresentadas em diversas situações; em 24 de abril de 2002, entrou em vigor a lei de Libras, Lei 10.436, regulamentada pelo Decreto 5.626 em 22 de dezembro de 2005, que em seu Art.1º, Parágrafo Único diz:

entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002)

No Art. 14, § 1º do Decreto 5.626/05, ressalta-se que as instituições devem obrigatoriamente ofertar, desde a Educação Infantil, o ensino da Libras e, como segunda língua para os alunos surdos, o ensino da língua portuguesa.

O sistema de escrita da língua de sinais é o *SignWriting*, com ele é possível escrever qualquer língua de sinais, pois se caracteriza como um sistema de escrita universal. Ele expressa



os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação. Além de ajudar na aquisição da escrita, ele também permite que os registros feitos nessa língua sejam preservados para seus futuros usuários, compreendendo, portanto, uma riqueza de material. Antes desse sistema a escrita da língua de sinais era tida como ágrafa (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2008).

A criadora do *SignWriting* foi Valerie Sutton, no ano de 1974, baseando-se em sua forma de grafar os movimentos da dança, no entanto, estudiosos de língua de sinais da Dinamarca que já estavam pesquisando uma forma de escrever a língua de sinais aprofundaram a pesquisa na criação dos sinais. Décadas a frente, o sistema *SignWriting* chegou ao Brasil por meio do Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa, isso aconteceu no ano de 1996, no Rio Grande do Sul, especificamente na PUC de Porto Alegre por meio da pesquisa realizada por Marianne Stumpf. Nessa época, só se conhecia o sistema do *SignWriting* como escrita de sinais usado em computador. Quadros (2010) registra que foi a partir desse momento, que o *SignWriting* começou a tomar forma no Brasil, inclusive com a formação de grupos de estudos, como o das Professoras Marianne Stumpf e Marcia Borba (FARIA; ASSIS, 2013).

Contrariando a legislação vigente e todos os avanços teóricos relativos ao assunto, nota-se que a tendência do sistema educacional brasileiro é tentar alfabetizar o surdo em língua portuguesa, desconsiderando a sua singularidade linguística e a posição que a Libras ocupa na sua vida. Na prática, o sistema regular de ensino põe a Libras como segunda língua, pois, privilegia a língua portuguesa sobre a língua de sinais. Ao serem inseridos na alfabetização em língua portuguesa, os surdos são submetidos a uma cultura de ouvintes, aprendem Libras sinalizada, mas ao escrever usam a escrita da Língua portuguesa. Surgem então, as dificuldades de alfabetização e do letramento, uma vez que essas línguas possuem modalidades diferenciadas.

A Língua de Sinais é a língua de comunicação e interação dos surdos que, no processo de alfabetização, deve possibilitar aos mesmos uma interação e isso será possível se a escrita dessa língua for ensinada precocemente. A autora Dallan (2009, p. 10) comenta que a proposta de grafia no sistema *SignWriting* vem a complementar o processo educacional do aluno surdo, em uma proposta que visa a ampliação de reconhecimento do mundo, possibilitando o uso de materiais escritos. Quando o surdo se apropria de sua língua e aprende a expressá-la, o desenvolvimento sobre leitura e escrita flui com mais rapidez e facilidade, porque traz significado em sua aprendizagem, originando sentido, dessa forma vão se constituindo sujeitos letrados.



Dallan (2009) afirma que o trabalho com escrita de sinais com surdos, mesmo que eles não conheçam a escrita de sinais, é surpreendente. Em uma comparação entre a escrita do surdo em língua portuguesa e em escrita de sinais, Dallan (2009) afirma que, ao escrever um texto em L2, suas palavras pareciam atropeladas, mas, em sinais os textos eram escritos de maneira adequada e a transformação desse texto para o português apresentou tradução significativa.

Dessa forma, o processo de alfabetização e de letramento para os surdos na escrita de sinais é de grande valor, pois possibilita o desenvolvimento cognitivo e facilita a compreensão de seu conhecimento em L2, esse conhecimento não será dispensado e sim somado e aperfeiçoado. Vale destacar que um sujeito alfabetizado procede não somente à decodificação da escrita, mas a interpretação do que lê; ele compreende, critica, traz novo significado e produz o conhecimento, pois quando se é alfabetizado tem-se a capacidade de se comunicar e trocar conhecimentos, correspondendo a um ser pensante em sua sociedade. Isso ocorre porque, conforme Sobral (2009), a linguagem é um processo dialógico, pois, possui um processo de intersubjetividade em situações concretas de realização da linguagem.

No tocante aos surdos, se faz necessário que essa alfabetização aconteça em sua L1, usando a escrita da Língua de Sinais, uma língua com gramática e estrutura própria que leva o surdo a compreender melhor o mundo que o cerca, permitindo exteriorizar o seu conhecimento inato, conhecimento de mundo e sociedade.

Os desafios na alfabetização dos surdos são imensos a começarem pelo desconhecimento da Língua de Sinais por parte dos familiares e profissionais da educação. Os surdos são inseridos em uma sociedade de ouvintes, vão às escolas com cultura de ouvintes, são habituadas a participar de atividades voltadas para ouvintes, sendo assim não produzem aprendizados significativos, vão sendo privados de certa forma de aprender em sua Língua, porque a maioria da sociedade não a conhece.

A interação produzida pela comunicação na Língua natural é importantíssima para o desenvolvimento da aprendizagem. A falta de interação nessa língua resulta em casos de alunos surdos que não foram alfabetizados na idade certa e acabam sendo repetentes e culpados por não se desenvolverem. As crianças surdas precisam aprender em sua Língua, o que nem sempre acontece. Segundo Bueno (1982), o ensino da leitura e escrita para deficientes auditivos:

esbarrou sempre nos problemas relacionados com sua dificuldade de comunicação em geral. Como a escrita foi sempre ensinada às crianças ouvintes em correspondência com a linguagem oral, este também foi o caminho seguido pelos educadores de crianças surdas. (BUENO, 1982, p. 38)



A Língua de Sinais irá, nesse sentido, proporcionar o aprendizado dessas crianças, mas para isso acontecer, elas precisarão de instrutores de língua de sinais que lhes darão o suporte necessário para o seu desenvolvimento. A língua de sinais irá também viabilizar a interação entre surdos e ouvintes, desta forma irá ser favorável ao surdo a aquisição da linguagem e escrita.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa teve caráter exploratório, cuja finalidade é proporcionar uma maior familiaridade com o problema (GIL, 1991), caracterizou-se por ser uma pesquisa desenvolvida em área onde existe pouco conhecimento estruturado, desta forma, explora a realidade em busca de maior conhecimento, visto que se trata de um conteúdo pouco explorado.

A pesquisa foi de natureza qualitativa, pois, este tipo de pesquisa se dedica à compreensão dos significados dos eventos. Araújo e Oliveira (1997) definem esse tipo de pesquisa como um estudo que:

(...) se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 1997, p. 11)

Seu delineamento se constituiu em um Estudo de Caso com sujeito único, caracterizando-se por um modo de pesquisa empírica, que investiga os fenômenos atuais em seu ambiente real, independente das relações entre os fenômenos e o contexto, levando em consideração várias evidências e analisando os dados e os resultados à luz de fontes teóricas (YIN, 2001).

A escolha por aplicação da pesquisa om sujeito único se deveu ao fato de que o campo de pesquisa foi escolhido por conveniência e na escola havia apenas uma aluna matriculada. O estudo de caso com sujeito único foi válido por ser os primeiros levantamentos das pesquisadoras sobre o objeto de estudo. Neles explorou-se a possibilidade de aplicação desse tipo de aula com aluno surdo para que se pudesse dá continuidade com novas pesquisas. Esse estudo é um dos três estudos de caso com sujeito único que foram realizados por pesquisadores, participantes e locais diferentes.

2.1 Caracterização do campo de pesquisa e coleta de dados

A escola onde a pesquisa foi realizada fica localizada na zona rural em uma comunidade de nome Barro Vermelho, no município de Pedro Régis do Estado da Paraíba. A referida instituição de ensino recebe alunos da comunidade, cujos pais eram todos agricultores,



apresentava estrutura física satisfatória, o seu Projeto Político Pedagógico (PPP) estava em construção, e seu corpo docente era composto por onze professores, além de dois diretores, um supervisor e um intérprete de libras. Essa escola atendia aos alunos do Maternal ao 9º ano, nos turnos manhã e tarde, funcionando pela manhã do Maternal ao 3º ano Fundamental I e à tarde do 4º ao 9º ano do Fundamental II.

2.2 Caracterização do participante

A participante da pesquisa foi uma adolescente de 13 anos de idade que apresentava grau de surdez profunda, perda auditiva superior a 90 dB e não tinha contato com a Comunidade Surda. Em seu cotidiano usava gestos caseiros para comunicar-se com a família e na escola. Nesse espaço utilizava pouco a Língua de Sinais em momentos que tinha contato com a intérprete de Libras. Ela não conhece a escrita da língua de sinais e, apesar de estar no 6º ano, não foi alfabetizada em português e era repetente.

A aluna residia na zona rural, próximo à escola, sua família, de baixa renda, composta por 10 pessoas: pai, mãe e sete irmãos, divididos em 4 meninos e 3 meninas. A participante recebia benefício do governo, constituindo um complemento à renda da família, e acompanhada pelo intérprete de Libras há dois anos, uma vez por semana na Sala de Recursos Multifuncional (SRM). O profissional foi contratado como intérprete, mas desempenhava a função de apoiador porque a participante não tinha fluência em Libras..

Ela não gostava das aulas de Libras, se recusava a aprender a língua e faltava bastante aos encontros. O intérprete relatou que possui certa dificuldade de aproximação com ela, não se aceita como surda devido a pouca influência dos pais para que aprenda a Libras. Não ter contato com surdos fluentes, nem ter com uma comunidade surda, dificulta ainda mais o interesse da participante para aprender a Língua Brasileira de Sinais. Uma vez que. Em sala de aula, seus professores não sabem Libras e, nas atividades propostas, ela faz uso de meras cópias das atividades dos colegas, sem adquirir qualquer aprendizagem e sua família se comunica por meio de sinais caseiros de modo geral.

2.3 Instrumentos e procedimentos

Os instrumentos utilizados no estudo foram o questionário semi-estruturado biodemográfico, uma atividade teste de verificação de aprendizagem e um vídeo-gravado.

A coleta de dados sobre o campo de pesquisa ocorreu por meio de observação e do levantamento de dados através da aplicação do questionário semiestruturado sócio-biodemográfico. Para realizar a pesquisa na escola, a diretora foi contatada para permissão, depois da qual foi realizada uma visita à escola, onde aconteceu o contato com a participante da

pesquisa. Vale salientar que foi solicitada a autorização dos pais para a utilização da imagem, pois a participante era menor de idade.

O questionário sócio-bio-demográfico foi aplicado com os pais como fonte singular de informações, ao passo que a coleta de dados sobre aprendizagem da escrita de sinais foi agendado e realizado na escola com a diretora e a aluna.

Para a realização da intervenção, foi feito um plano de aula para o ensino de escrita de sinais, pois para uma boa aula faz-se necessário seguir de antemão um plano, no qual se encontra passo a passo do que se pretende realizar.

Foi ministrada uma única aula com cerca de 50 minutos, que mostrou os parâmetros dos sinais: COMEÇAR, QUERER, FELIZ, CERTO, CHOVER voltados ao teste e outros sinais que são frequentemente sinalizados e conhecidos por ela em seu cotidiano escolar. No primeiro cartaz, foram mostrados 24 sinais. As configurações de mãos correspondendo ao grupo de mão cinco dedos e: LÍNGUA DE SINAIS, TRAIR, AGORA, CONSTRUÇÃO, BRAVO, CHOVER, PERNAMBUCO, ESQUECER, MUITO, HOMEM, GRUPO, QUERER, COMER, e COMEÇAR. Na orientação da mão, visão de frente, mãos paralelas à parede, os sinais trabalhados foram: MARAVILHOSA e NORMAL. Na visão de chão/mãos paralelas ao chão, os sinais: JULGAMENTO e CERTO. Polegar e indicador tocam outros dedos de cima, os sinais trabalhados foram: PREFERIR, ABELHA, TECNOLOGIA, FUTURO e FELIZ.

Figura 1: Primeiro Cartaz



Fonte: dados da pesquisa

Já no segundo cartaz continha sinais voltados ao movimento reto para cima e para baixo, os sinais apresentados foram: PODE, ACOSTUMAR, FUNCIONÁRIO, MAIS, QUADRO, LETRA Z, BRASIL, LER e MESA. Movimentos para cima e para baixo os sinais: AQUI. Os símbolos de contatos tocar: PAPAI; escovar: ENTRAR; esfregar: BRAVO; bater: PAGAR; e

pegar: MARAVILHA. No total foram mostrados 20 sinais. A aula foi ministrada toda em língua de sinais pela própria pesquisadora. Esse fator dispensou a presença do intérprete de Libras.

Figura 2: Segundo cartaz



Fonte: dados da pesquisa

A aula iniciou-se com a apresentação dos parâmetros que esses sinais apresentam, de maneira simples, já que representa algo novo para ela. A intervenção seguiu conforme previsto no plano de aula. Todos os procedimentos foram registrados por meio de filmagens,, o que gerou um filme de 50min e 181 Mb.

2.4 Análise dos dados

A análise empregada nesse trabalho foi a microgenética que, segundo Maciel (2000), permite estudar o desenvolvimento humano enquanto ele se relaciona com os demais, tanto em suas conversas, quanto em suas ações, principalmente na relação professor-aluno e aluno-aluno. Também permite observar como acontecem os processos de ensino-aprendizagem, detectando as habilidades comunicativas que ajudam neste processo como também identificar o que dificulta a aprendizagem (BRANCO; SALOMÃO, 2001).

A análise microgenética ocorreu procurando compreender como se deu o processo de ensino-aprendizagem da escrita de sinais para o participante da pesquisa, o desenvolvimento da aprendizagem da participante no decorrer da aula, sua participação, interesse, desenvolvimento das atividades, suas dificuldades e/ou aceitação com a escrita de sinais. Também foi observado o que precisaria ser melhorado para facilitar sua aprendizagem e se a aula foi satisfatória. Outra análise realizada para verificação do resultado do processo de aprendizagem foi baseada no teste de rendimento aplicado no final da aula.

3 RESULTADOS

Lembrando que os objetivos da pesquisa foram analisar o processo de aprendizagem do surdo em Escrita de Sinais, ao passo que os objetivos específicos são: procurar entender como o surdo visualiza a escrita dos seguintes sinais: COMEÇAR, QUERER, FELIZ, CERTO, CHOVER; avaliar sua resposta à aula proposta; e verificar a eficácia da atividade avaliativa de rendimento produzida pelas pesquisadoras e pela professora Marianne Stumpf, as aulas foram estruturadas e postas em prática de forma a perseguir tais objetivos.

Dessa forma, foram organizadas aulas expositivas sobre os seguintes parâmetros: configuração de mãos, movimentos de setas, orientação da palma da mão e símbolos de contatos. No início da aula, foi apresentado o parâmetro configuração de mãos, explicando como se dava as configurações de mãos correlacionando a Libras sinalizadas com a respectiva escrita por meio da demonstração dos exemplos das configurações de mão, conforme figura 1.

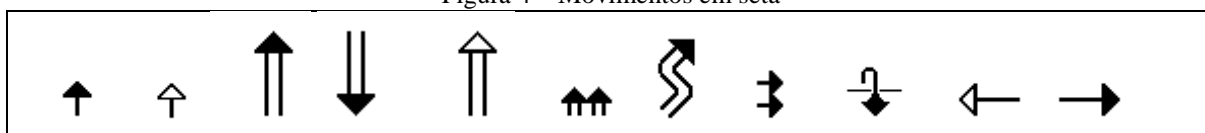
Figura 3 – Configurações de mãos



Fonte: Dados da pesquisa

Foram trabalhados 14 sinais com enfoque nos seguintes: COMEÇAR, QUERER, CHOVER, FELIZ, CERTO, que eram os sinais da atividade a ser testada. Para o parâmetro movimento foram trabalhados 16 sinais, veja os movimentos na figura 2.

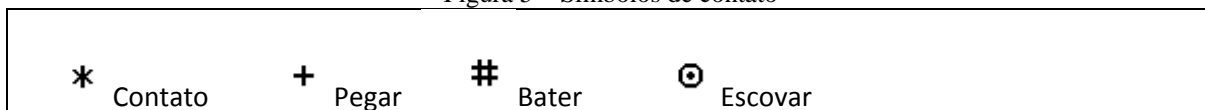
Figura 4 – Movimentos em seta



Fonte: Dados da pesquisa

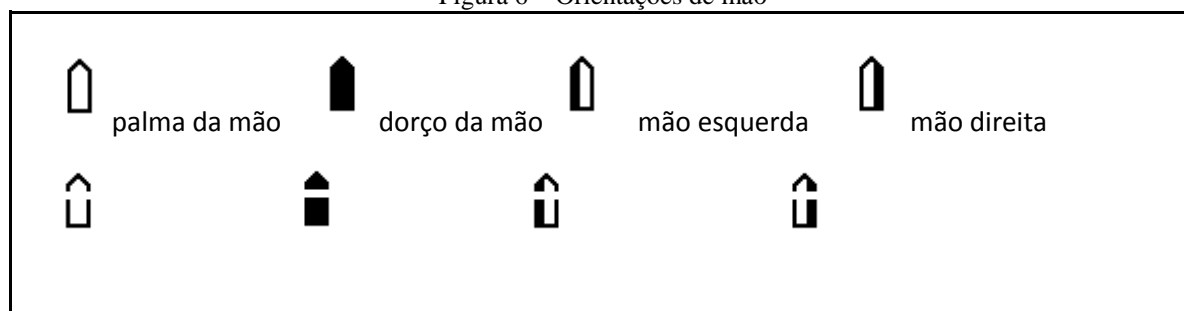
Em seguida, trabalharam-se as formas de orientação das mãos e seus respectivos sinais, focando nas orientações das mãos dos sinais propostos. E, por fim, o símbolo de contatos, focando no contato Arrasta, Pegar, Bater e Escovar, conforme a figura 3. Algumas orientações foram as constantes na figura 4 e orientação básica da mão: palma demonstrada na figura 5.

Figura 5 – Símbolos de contato



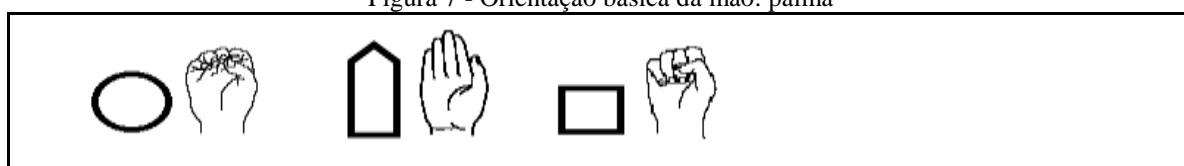
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 6 – Orientações de mão



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 7 - Orientação básica da mão: palma



Fonte: Manual de escrita de sinais

Em todo o momento da exposição dos parâmetros, a participante se mostrou atenta, demonstrando reação de entendimento e sentindo-se convidada a participar da aula. A interação da aluna no processo de ensino-aprendizagem demonstra que o professor atingiu seu objetivo de despertar o interesse pelo aprendizado da escrita de sinais. Assim, cumpriu, sua função porque:

o professor como facilitador do aprendizado deverá buscar a motivação de seus alunos. [...] O docente deverá centrar os seus esforços na aprendizagem e, ao trabalhar com ela, tornar o ensinamento significativo para o aluno, fazendo-o sentir que a matéria tem significância para sua vida (MÜLLER, 2002, p. 279).

A aula foi, inicialmente, expositiva com a utilização de cartazes ilustrativos, que demonstravam todos os parâmetros de forma objetiva. A professora mostrava no cartaz como se dava a formação da configuração de mãos e a participante repetia a sinalização das configurações de mãos apresentadas, assim como a realização dos movimentos, demonstrando as diversas formas que as setas são escritas, a orientação da mão e os símbolos de contatos.

Constatou-se aceitação por parte da aluna desde a primeira exposição do tema proposto; apesar de ter reagido com receio a princípio, logo ela passou a agir naturalmente. Sua compreensão acerca do exposto se deu a partir da prática da sinalização, ou seja, na medida em que a professora ia incentivando a participante a observar o exposto, ela ia também repetindo todas as configurações de mãos entre os outros parâmetros expostos e os sinais contidos também na exposição por meio da sinalização.



A exposição do conteúdo baseado na sinalização da escrita de sinais que faziam parte do vocabulário que fazia parte do cotidiano da participante fez com que o desconhecido ganhasse sentido. No momento em que a participante deixou de simplesmente observar e começou a praticar, no decorrer da exposição do conteúdo, e responder as atividades, notou-se que ela já obtinha noção simples da escrita dos sinais, a sua sinalização.

Para Sobral (2009), a interação envolve processos interdiscursivo e intertextualidade. Por outro lado, Vigotsky (2008) afirma que a aprendizagem ocorre na zona de desenvolvimento proximal. Sendo assim, a aprendizagem sempre vai envolver o conhecimento prévio do aluno. No caso dessa pesquisa, a escolha por sinais do cotidiano da participante colaborou para que ela os utilizasse como ancoragem da sua nova aprendizagem e pudesse criar uma relação de sentido já que tais palavras eram de contexto familiar.

Dos sinais trabalhados na aula exposta, a aluna conhecia a sinalização de 15 e não conhecia de 29. Sendo assim, a aula lhe possibilitou conhecer novos sinais na forma sinalizada e escrita. A sua aprendizagem foi significativa, porque todo o trabalho foi apoiado na visualização do desenho do sinal, da escrita e em imagens representativas.

Esse é um aspecto importante no trabalho com o aluno surdo devido a sua capacidade de leitura visual e ao fato da língua de sinais ser visual. Reily (2003, p. 16) considera que o uso de material que predomina é o visual na educação com crianças surdas com base em sua experiência de ensino e pesquisa em arte-educação. A autora afirma que crianças surdas em contato inicial com a língua de sinais necessitam de referências da linguagem visual com as quais tenham possibilidade de interagir, para construir significado.

Sabemos que os surdos possuem uma percepção visual diferenciada, sendo assim, trabalhar explorando essa percepção corresponde à garantia do direito que o surdo tem ao se apropriar de sua língua. Assim, conforme a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que afirma que a Língua de sinais é visual, a única forma de ensinar a Libras é por meio da estimulação visual.

Para a concretização da aprendizagem dos sinais trabalhados na aula expositiva, foi aplicada uma atividade lúdica. A escolha desse tipo de atividade justifica-se pois, segundo Vygotsky (1993, p. 129):

a criança opera com significados desligados dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados, havendo uma contradição interessante uma vez que, ela inclui, também, ações reais e objetos reais em suas brincadeiras. (VYGOSTSKY, 1993, p. 129)

Essa atividade proposta foi um jogo de memória dos sinais, composto por 19 fotos dos animais e suas respectivas escritas de sinais e sinais do cotidiano. Esses animais não foram trabalhados na aula, mas todos eram conhecidos por ela. Os animais e os sinais do cotidiano traziam em comum com a aula os parâmetros configurações de mãos, movimentos e sinais de contatos.

As figuras dos animais e seus sinais escritos foram: PEIXE, RATO, ELEFANTE, CACHORRO, GIRAFA, PÁSSARO, VACA, CAVALO, LEÃO, GATO; sinais do cotidiano: CÉU, VER, COMER, LIVRO, LER, ESTUDAR, ESCREVER, CASA E FLOR. Esses sinais relembavam todos os parâmetros apresentados anteriormente, porém foi levado em consideração como critérios as configurações de mãos, orientação, as setas de movimentos e alguns símbolos de contatos como, por exemplo: Contato, Pegar e Escovar.

Figura 8: Jogo da memória



Fonte: dados da pesquisa

A participante respondeu muito bem à atividade, expressando os sinais escritos, notamos que se tivéssemos trabalhado com menos sinais teríamos facilitado o seu desenvolvimento, pois com menos sinais ela teria adquirido mais informações. Esse jogo foi útil para ajudá-la a empregar os conhecimentos adquiridos na aula expositiva. Nesse momento, sua atenção foi mais intensa nos sinais escritos. Percebeu-se nessa atividade que a aluna iniciou o desenvolvimento da representação escrita, pois ela analisava o sinal escrito e fazia associação com o sinalizado com as mãos. Nesse momento, a participante tinha como referencial para a escrita a própria língua: Libras.

Para Stumpf (2005):

A criança transfere para sua nova língua o sistema de significados que já possuem na sua própria língua e quando ela aprende a ver sua língua como sistema específico entre muitos, passa a conceber seus fenômenos dentro de categorias mais gerais e isso à consciência das operações linguísticas. (STUMPF, 2005, p. 45)



No momento de observação e sinalização da foto do animal, a participante fez perguntas tirando dúvidas acerca de alguns sinais que ela havia esquecido a sinalização correta. A pesquisadora a ajudava fazendo a sinalização do sinal que a participante pedia.

As dificuldades demonstradas foram as de assimilação imediata das sinalizações em relação a sua formação no sinal escrito, ou seja, sua memorização no que diz respeito ao sinal escrito, porque tudo era muito recente para ela. Embora toda exposição tenha sido objetiva, foram muitas informações em uma única aula. Sendo assim, indica-se que aulas de escrita de sinais em processo de alfabetização para surdos que não têm fluência em Libras seja com menor quantidade de sinais.

A resposta às atividades propostas se deu sem problemas, todas as atividades foram realizadas com muito entusiasmo. Dos 19 pares a aluna obteve 9 acertos sem ajuda da pesquisadora. Ela começou fazendo a atividade sozinha iniciando pelos sinais que ela conhecia, já para os novos precisou de ajuda. Essa ajuda foi dada apenas com a sinalização do sinal escrito. A partir da sinalização, a participante conseguiu distinguir se a escrita estava correta ou não, pois, esse era o comando da questão.

A análise revelou que houve aprendizagem significativa dos sinais escritos e aqueles cuja sinalização a participante não conhecia foram aprendidos junto com a sinalização mediante mediação da pesquisadora. Assim, pudemos ver a importância do mediador no processo da aquisição da aprendizagem, em consonância com o que afirmam Gomes e Pereira (1999): “o professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não concorreriam espontaneamente” (p. 49).

Para a verificação da aprendizagem foi aplicada a atividade de verificação, ver apêndice D. Nessa atividade foi pedido para aluna marcar com X no sinal escrito corretamente. A atividade avaliativa foi entregue para participante resolver e em poucos minutos ela realizou, obtendo 100% de acertos.

Cada sinal apresentado na atividade tinha seu correlato escrito de forma errada; assim, a atividade consistiu na avaliação da identificação da escrita correta de cada sinal. A atividade teve como foco a avaliação de conhecimento sobre o parâmetro movimento em seta.

O excelente desempenho da aluna evidencia que o processo de alfabetização do surdo é possível por meio da escrita de sinais e que, dessa forma, facilita-se o processo de aquisição da escrita, pois, mesmo a escrita de sinais sendo algo inédito para a participante, ela se familiarizou facilmente. Essa é uma demonstração clara de que:



Alfabetização de crianças surdas enquanto processo, portanto, só faz sentido se acontece na LSB, a língua que deve ser usada na escola para aquisição da língua, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a língua. (QUADROS, 2013, p.54).

Quando o surdo começa a entender sua língua, ele se apropria do conhecimento mais rápido, conforme observado na atividade avaliativa proposta, a qual demonstrou o quanto pareciam claros os sinais escritos para participante. Sobre esse processo de aprendizagem da escrita de sinais Stumpf (2002) diz que:

Nós, surdos, precisamos de uma escrita que represente os sinais visuais - espaciais com os quais nos comunicamos, não podemos aprender bem uma escrita que reproduz os sons que não conseguimos ouvir. (STUMPF, 2002, p.63)

A representação desses sinais visuais-espaciais promove uma aprendizagem significativa no momento da aquisição da leitura e escrita, fazendo toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem.

A experiência da participante com a escrita de sinais produziu o querer aprender mais de sua língua. Ao expor a escrita da Libras, produziu-se nela significado, fazendo-a perceber e atestar que aqueles sinais poderiam ser registrados. Esse dado nega os relatos anteriores da mãe e intérpretes de que ela não tinha interesse em Libras. Sobre essa situação, Quadros (2013) comenta que:

a criança surda que está passando por um processo de alfabetização imersa nas relações cognitivas estabelecidas através da língua de sinais para organização do pensamento, naturalmente passa a registrar as relações de significação que estabelece com o mundo. Diante da experiência com o sistema de escrita que se relaciona com a língua em uso, a criança passa a criar hipóteses e a se alfabetizar. "Experiência" com o sistema de escrita significa *ler* essa escrita. Leitura é uma das chaves do processo de alfabetização. *Ler sinais* é fundamental para que o processo se constitua. (QUADROS, 2013, p. 58)

Vale ressaltar que a participante, apesar de ter 13 anos e estar no 6º ano do ensino fundamental, ainda não tinha domínio da leitura e escrita da língua portuguesa, única modalidade de escrita oferecida pela escola e possuía pouco domínio da Língua de Sinais. Nesse contexto, a aula contribuiu para o aprendizado da participante, tornando-se uma aula satisfatória.

A atividade avaliativa foi um importante e eficaz instrumento de avaliação da aula. A sua forma de organização possibilitou a verificação da aprendizagem da aluna e a eficácia da aula e do instrumento avaliativo. Tendo em vista que, no Brasil, temos poucos materiais didáticos para o ensino e a avaliação de aprendizagem de Libras, essa atividade contribuiu para que se tivesse uma medida de rendimento com mais segurança. Portanto, esse é um importante material didático a ser utilizado como modelo para criação de outras atividades avaliativas.



Toda pesquisa mostrou que o trabalho com a escrita de sinais requer materiais adequados que venham a facilitar a compreensão do surdo. A participante conseguiu atingir o esperado pela pesquisa, que era a compreensão da escrita de sinais que a ajudou também a interagir durante a aula, correspondendo a um fator de suma importância para seu desenvolvimento e aprendizado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apontaram que não basta só apresentar a sinalização da língua de sinais enquanto se pretende formar surdos alfabetizados e letrados é necessário que eles tomem posse da escrita de sua língua, pois ela irá propiciar uma aquisição significativa da escrita.

Conclui-se que a submissão do surdo à sinalização em sua língua e, ao mesmo tempo, ao processo de alfabetização em sua língua acelera o sua alfabetização. A escrita de sinais é adequada com uma língua visual e transmite o seu pensamento da pessoa surda direto para seu registo. Entendendo essa língua, a alfabetização e o letramento se concretizará de forma satisfatória. Dessa forma, notamos que em nossos dias há uma necessidade de ensinar a escrita de sinais como meio de alfabetizar os surdos.

Por fim, propomos que mais estudos venham a ser realizados, que o ensino da língua de sinais para os surdos seja significativo, que o acesso a sua escrita seja o mais cedo possível, pois, se faz de suma importância para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Também há a necessidade de materiais didáticos serem disponibilizados, visto que há uma escassez imensa de materiais para se trabalhar com a escrita de sinais e também para a capacitação dos professores para essa modalidade de ensino. Destacamos que esses fatores são fundamentais para a expansão do ensino da escrita de sinais, conforme comprovado na pesquisa ora apresentada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Aneide Oliveira; OLIVEIRA, Marcelle Colares. **Tipos de pesquisa**. Trabalho de conclusão da disciplina Metodologia de Pesquisa Aplicada a Contabilidade - Departamento de Controladoria e Contabilidade da USP. São Paulo, 1997. Mimeografado.

BRANCO, A. U.; SALOMÃO, S. Cooperação, competição e individualismo: pesquisa e contemporaneidade. **Temas em Psicologia da SBP**, 9 (1), p.11-18, 2001.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2002, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436>. Acesso em: 3 ago. 2016.



BRITO L. F. **Integração social & Educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel; 1993.

BUENO, J.G. **Alfabetização do deficiente auditivo**: estudo sobre a aplicação de abordagem analítica. São Paulo: PUSC, 1982. Dissertação (Mestrado em Ciência), 1982

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte (editores). **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, Volume II: Sinais de M a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume I**: Sinais de A a Z. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DALLAN, M.S.S. *Signwriting*: escrita visual para língua de sinais - o processo de sinalização escrita. **II Congresso Nacional de Surdez**, São José dos Campos, 23 de maio de 2009.

FARIA, Maria Brito de; ASSIS, Maria Cristina de. (Org.) **Língua Portuguesa e LIBRAS**: teorias e práticas. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 1991.

GOMES, Adriana Leite Limaverde; PEREIRA, Maria Goretti Lopes. (Orgs.) **Psicologia da aprendizagem**. Fortaleza - Ceará: UVA, 1999.

MACIEL, D. A co-construção da subjetividade no processo de aquisição da leitura e da escrita. IN. M.das G. T. Paz e A. Tamayo (Orgs.). **Escola, saúde e trabalho: estudos psicológicos**. Brasília: Ed. UnB, p. 41-70, 2000.

MÜLLER, Luiza de Souza. A interação professor - aluno no processo educativo. **Integração: ensino, pesquisa, extensão**. Novembro/2002. Ano VIII nº 31 (p. 276 - 280).

QUADROS, R. M. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. *Textura-ULBRA*, v. 2, n. 3, 2013.

QUADROS, R. M. O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.). **Surdez e bilinguismo**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

QUADROS, R. M. **Um capítulo da história do SignWriting**. 2010, Disponível em: <www.signwriting.org/library/history/hist010.html>. Acesso em: 3 ago. 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira** - Estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REILY, L. H. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para Pré- escolares surdos. In. SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs.). **Cidadania, Surdez e Linguagem: desafios e realidades**. Cap. IX (p.161-192).SP: Plexus Editora, 2003.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.



STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SingWriting**: Língua de Sinais no papel e no computador. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (doutorado em informática na educação).

STUMPF, M. R. Transcrições de língua de sinais brasileira em signwriting. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SUTTON, Valerie. **Lessons in SignWriting**. DAC – Deaf Action Committee for SignWriting. STUMPF, Marianne Rossi. (Tradução e adaptação). Disponível em: <<https://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/24/manual-de-signwriting-em-portugues/>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Submetido em: 6 de março de 2018.

Aprovado em: 28 de abril de 2018.